

Suspenso no Céu-de-Nanquim

Delírio-fúria-brilho

O homem pálido e inquieto ergue-se com espanto de sua sombra. Penumbra no ar. Encontra-se no dormitório de sempre, mas sua visão momentânea, sem norte na bússola, faz com que ele embaralhe até as cartas mais simples do baralho-cenário-corriqueiro. Vertigem, náusea, estômago falante – todo desconforto introjetado em si a partir de seu arredor. Tenciona firmemente com a palma da mão esquerda a primeira **casca de noz ocular** que encontra no rosto e puxa fundo a respiração... Que pesadelo eu tive! *Silêncio-memória.*

Passos do lado de fora da porta? Sim, parece que sim. Horas!? “**Ponteiro que não bate; relógio que não conta**”. Estou sendo observado? Estou sendo perseguido? Estou sendo bandeado? Mais passos do lado de fora da porta. Ideias de auto-sobrevivência passam a cobrir o ar rarefeito. Vou procurar um **objeto pontiagudo de corte** e à espreita ficar por um qualquer que seja. Vou-me esconder por debaixo dos cobertores amarelos e cavar meu buraco de avestruz. Vou gritar enlouquecido como se estivesse num hospício e pedir por anestesia. Penso em mais soluções e passo por elas inventando narrativas que mal duram. Até que abruptamente sou interrompido, feito um pássaro fatalmente se esmagando numa **janela de orfanato**. Toc-toc-toc! Toc-toc-toc! Toc-toc-toc! Abalos na madeira conquistam o quarto todo; tomam-lhe de guerrilha por inteiro. A porta-alarde reverbera em meu **coração-galopante** e seduz minha boca-lacrada. Congelo um soluço na goela. Alguém está além de mim!

Os frescos-novos sons que vêm de fora... algo está sendo ajustado? “Algo está sendo cuidadosamente deixado próximo à entrada do meu quarto!” O medo-batedor cede espaço-repentino à curiosidade falível. O que será lá fora? Pacote-encomenda? Bilhete de amor? Objeto-matéria ou barulho-ilusório? Puro-calculado-disfarce ou derradeiro fracasso no plano de assalto? Perguntas e mais perguntas e, de repente, como um choque-térmico-cardíaco, o nada-cortante no ar isento e ressoante faz-se sobra-única. Vazio espaço de eis que... Para onde foram as batidas agressivas que algo queriam? E os preparativos no tapete? E os diagramas de tensão? E os porqu岸tos elevados? Sumiram todos no piscar de um olho que chora por um cisco firmemente errante. “Tornaram-se **órfãs-imagens-seletas**”. Algo lá fora de fato existiu ou restou? Estou delirando?

Sinto sede de resposta. Levanto-me de súbito-veloz a ponto de quase esmagar meu aparelho de enxergar, desprotegido e empoeirado no chão ao lado da **cama-bétula**. Os sentidos aguçados pelo sangue-adrenalina, que arde em minhas veias, catapultam-me feito **homem-bala de circo** em busca de colchão-aterrisagem. Mas no contraste belo de quem se tornou presa-predador, de forma atenta e precavida, meus passos vão sentindo friamente a textura do piso

de madeira – desmentindo toda natureza de barulho que ameaça nascer e alertar. “Sou agente soviético e ao mesmo tempo bailarina plié-tendu-jeté”: avanço, avanço, avanço – a sós. Passageiro-escasso-sorratoeiro. Saltos ensaiados sussurram em meia-cinza-algodão. Bzzzzz! Bzzzzz! “Aplausos no anfiteatro russo!” “Reverências, reverências, irreverências”. De pouco em pouco, instante que algo dura, chego atento à **porta-bétula**. Paraliso – medusa de mim mesmo.

“Quando Perseu foi picado pelas cobras?” Encosto a cabeça na superfície da porta-bétula e faço escuta do nada-constante. Certifico-me de que nada está para além do meu alcance e predição. “Escuto os passos de um Messias”. Sou simulacro-percussivo: nada temo? Convenço-me da investida à trincheira. **“Gás mostarda e bombas: Boom! Boom! Boom! Boom! Espetáculo de sangue e sofrimento”**. Maçaneta em mãos. Pausa-tranco-coragem. Passo finalmente pelo arco-do-triunfo. Avante, novo mundo que se abre. Minha sede de novos Ares.

Primeira-impressão: há um livro em meus pés. Foi “cuidadosamente deixado” no tapete púrpura e com a capa preta à vista. De propósito? Sem título, sem autor, sem pista. Folheio. Rascunhos-rabiscos-recortes. Tudo feito em nanquim. **“Amanhã minha coleção completará vinte anos”**. Será recado ou lembrança de alguém? Mas por que repentinamente fugiu? Não deixou endereço nem sequer? Terá se assustado? Terá hesitado por timidez? E como chegou até meu apartamento? E como chegou até meu quarto? Estranheza e meia-vírgula. “Perdi as chaves no domingo passado”. Desatino. Folheio mais um pouco e mais um tanto. O livro não parece ter cabeça, nem tronco, nem pés. Mas confusamente me comove por existir. Há apenas um texto nele contido.

Fecho os olhos em busca de sinais... ausência. Cafés, margaridas, incensos... o ar misto do ambiente. Inspira... sabores-ponteiros. Aonde quero ir? História indivisível. Descobrir-se, ferir-se e remendar-se: eis que as raízes da memória tomam lugar privilegiado no espetáculo de mim mesmo.

Primeira-página. Acendo com meu isqueiro vermelho o último cigarro-filtro-branco do maço-amassado no bolso. Trago a fumaça a ponto de tossir. Pequena apsiquia e nariz entupido. Pulmão sincopado pelo acerto de contas. Examino o recém-ocorrido enquanto me recupero do baque-vício. “Cada pequeno passo para além da porta é um longo caminho rumo ao incerto do mundo. Mas uma vez aberta, logo a obstrução brusca e repentina satisfaz o espírito”. Aonde quero ir? Decisão-perambula-saltitante. Dou uma olhada no corredor à minha frente – ofuscado, obscuro, oblíquo – não há nada no horizonte-vórtice. “Primeira – página”. Fecho a porta-bétula. **Sinto gosto de ansiedade na boca seca** e qualquer coisa de intermédio.

De volta ao quarto de dormir, separo espaço na cama bagunçada: lençóis-travesseiros-revirados. Está tudo um nojo! Sento-me, primata-vertebrado que sou, e visto os óculos embaçados de poeira enquanto me derreto de suor. Dou mais uma tragada no fumo e bocejo para travar a língua e o engasgo. Busco o cinzeiro de biscuit, em cima do baú tok&stok, e refaço o cigarro de filtro-branco-amassado, dispensando as **cinzas fúnebres** nele. “Relicário modelado que recebi de presente num encontro de artistas no MASP”.

Chove chuva ácida, um pouco tímida, em algum lugar-rádio-afora, mas não há translúcido para vê-la. “Carneiros-contam-carneiros?” A janela é de madeira maciça e está fechada, fortaleza-castelo que resiste aos murros do vento e me protege enquanto me aprisiona-detento. O som, porém, é belo e conforta a alma, que sente e imagina estar. “Qualquer **lua de prata** atrasa-se para o jantar, mas deixa o bálsamo de suas fases aos amantes de plantão”. **Preciso de um banho. Sinto sede de bebida-preta...** Onde está meu relógio de pulso? Horas!? “Ponteiro que não bate”. Sinto sede de açúcar-mascavo-temperado e tudo junto.

O revirado-travesseiro revela o esconderijo do meu relógio de pulso. Os ponteiros – medusas de si mesmos – estão petrificados em 12:12:12. Estranheza e meio-ponto. **Sinto sede de café.** “Ano passado comprei essa cafeteira expresso numa pechincha na Vila Mariana”. A máquina prepara uma xícara de café espresso-leite-calda. Sirvo-me do mochaccino dela. “Coelhos brancos batem sinos?” Em algum lugar do mundo, as nuvens têm seu charme. E aqui? A chuva ácida chove um pouco mais atrevida lá fora e tira de mim a atenção. Trevas-lembranças. Os murros do vento não querem mais se conter.

Sobraram-me **quatro cápsulas de café-paramédico**. Servirão até o fim do apocalipse? “Uma trombeta ecoa mais que um quadro em nanquim. Mas também dissolve com seu buraco negro tudo que cumpriu sua travessia-de-fortuna”. O sol não vem: o som da chuva ácida não mais chove: estardalhaço. Algo está além de mim, mas próximo de estourar. Cabrun! Cabrun! Cabrun! Furioso dedo apontado por Zeus – tudo-cortante. **Três margaridas** assustam-se no vaso torto-de-barro. **Raio-raio-raio**. Trevoas-lembranças. E o **incenso-palo-santo** encostado no ostracismo inveja a fumaça do meu cigarro-filtro-branco. Os murros do vento não vão mais se conter. Uuuhhh. Uuuhhh.

Preciso de um alecrim-alfazema, faz tempo que não acendo nada. “Proteção e purgatório para as almas”. Meu incensário indiano, que parece mais um caixão do que qualquer coisa, me chama pelo nome. “Ei, ei, Hélió”. Espanto-me, mas chego perto dele para me asseverar. “Ei, ei, Hélió”. O que quer de mim? Dinheiro ou solidão? “Ei, ei, Hélió”. Apanho rapidamente o primeiro lápis de sabor-fumaça que vejo na caixinha ao lado do incensário indiano e com o isqueiro vermelho começo a fogueirar.

Aceso o incenso-fumaça-sabor começa a tomar forma contínua de seis. Dispara em voo vertical, desvia-se à direita, completa um círculo perfeito e retorna ao voo vertical. E assim para todo sempre. “O tempo existe ou existe o tempo?” Reparo novamente no relógio: 12:12:12. Que diabos me acontece?

(bla bla bla bla – vou continuar e reformular)

Memória-silêncio.